

SAUDAÇÃO

DO EXMO. SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA,

SENADOR JARBAS GONÇALVES PASSARINHO

AO

PROFESSOR LUÍS DA CÂMARA CASCUDO,

**na entrega do PRÊMIO HENNING
ALBERT BOILESEN — 1972, pelo
Vice-Presidente da República, Al-
mirante Augusto Hamann Rade-
macker Grünewald, na noite de
9-8-1973, no Salão Vermelho do
Hotel Nacional, em Brasília.**

Divulgação da Coletânea de Thadeu Villar de Lemos
(Thaville), autorizada verbalmente pelo autor.

1973

EDITORA PONGETTI

Rio de Janeiro — Guanabara

THADEU VILLAR DE LEMOS

**Rua Conselheiro Paulino, 28 — Bairro de Fátima
Niterói — 24.000 — Estado do Rio de Janeiro
Telefone: 72-4917**

No dia 9-8-73, no Salão Vermelho do Hotel Nacional, em Brasília, teve lugar a entrega dos prêmios HENNING ALBERT BOILESEN — 1972, aos senhores escritor Luís da Câmara Cascudo e engenheiro agrônomo Alcides Carvalho. Sob a presidência do Exmo Sr. Vice-Presidente da República, a solenidade teve início às 21 horas, com a execução do Hino Nacional pela Banda de Música dos Fuzileiros Navais. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao Dr. Renato Ferrari que, em brilhante e documentado discurso, saudou o agrônomo Alcides Carvalho, pondo em relevo os seus trabalhos de pesquisa para a melhoria da cultura do café, os quais têm concorrido em muito para a economia do país. O homenageado agradeceu em breve oração, sendo abraçado pelas autoridades presentes. Oferecida a palavra a S. Excia. o Ministro Jarbas Passarinho para saudar o Prof. Luís da Câmara Cascudo, por S. Excia. foi pronunciado o discurso que publicamos na integra, sendo calorosamente aplaudido. De improviso, o Prof. Câmara Cascudo, com palavras de afeto e carinho, disse do seu agradecimento à honrosa homenagem que lhe era tributada, sendo, afinal, entusiasticamente aplaudido, de pé, pelo seletto auditório e pela mesa diretora. Encerrada a solenidade, a ASSOCIGAS ofereceu aos presentes um coquetel de congraçamento com o Almirante Au-

gusto Hamann Rademacker Grünewald, Vice-Presidente da República. Estiveram presentes Ministros de Estado, Deputados, Senadores, Almirantes, Generais, escritores, jornalistas e grande número de senhoras e cavalheiros da sociedade e do comércio da capital do país.

Minhas Senhoras Meus Senhores

No célebre discurso com que Anatole France, ao inaugurar o monumento a Renan, saudava-lhe a memória, referiu-se a uma recente palestra que mantivera com um Príncipe oriental de cultivada e fascinante inteligência, que habitava um país cuja potência criadora do espírito religioso não se esgotara, e produzia ainda profetas, apóstolos e mártires.

O Príncipe, disse Anatole, perguntou-lhe “com uma surpresa fingida e um orgulho asiático, como se explicava que o Ocidente não tivesse profetas, apóstolos e mártires, quando eles abundavam no Oriente, nos bazares, nos salões dos barbeiros, nas esquinas de rua onde uivam os cães sem dono”.

Ousarei dizer que os temos, ainda hoje, no Ocidente. Já não me refiro aos profetas e aos mártires, mas especialmente aos apóstolos.

Senhor Câmara Cascudo vós sois um deles! O apóstolo da antropologia cultural, o mais notável dos pesquisadores de nosso folclore, sem — mercê de Deus — o risco de vos transformardes no mártir da causa...

Já sois nome de Instituto de ensino superior e já sois nome de praça ou de rua. Vale dizer que estais no coração dos moços, que vos amam, e na memória do povo, que vos reverencia. E esta festa, sob a égide do grande brasileiro que é o Almirante Augusto Rademac-

ker, ilustre Vice-Presidente da República, representa um julgamento, que vos honra, conquanto, para sermos sinceros, dispensável, na medida em que a vossa obra já está definitivamente julgada pela inteligência, não só a nacional, mas a de além fronteiras. Tem a festa, porém, sabor de confirmação, a que não vos pudestes eximir, apesar de todo o vosso quase invencível e confessado **coram populum** medo do avião. Dizem alguns de vossos íntimos, não certamente sem malícia, que se vos fosse dado escolher entre o avião e o carro de boi, seria por este último a vossa tranqüila preferência, no que, talvez, se possa ver uma tácita confissão de vosso amor pela pesquisa do passado.

Refere Rachel de Queiroz que seu avô de criação, o velho Muxió, costumava dizer que “há gente que vive, porque vê os outros viverem”. Fostes, ao longo de toda a vossa vida, um desmentido, o lado avesso dessa verdade parcial. Viveis a vossa própria vida, fértil de belos e sugestivos exemplos.

Nascestes **canguleiro**. Vós mesmo contaís, no delicioso livro de memórias: “O Tempo e eu”, esse nascimento que, para não perder o sabor da narrativa, tomo de empréstimo as vossas próprias palavras:

“Nasci numa 6.^a feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1898, às 5,30 da tarde. A Fábrica de Tecidos, de “seu” Jovino Barreto, apitava às cinco horas **para soltar os operários**. Havia uma alta, possante e decorativa chaminé, chamada pelo Povo o Boeiro do Tecido, construída em 1888 e derrubada em 1958. Corresponhia ao local ocupado pelos armazéns da firma Nóbrega & Dantas, na Avenida Junqueira Aires, já com essa denominação. Nasci meia hora depois do apito da Fábrica, pregão

sonoro da tarde natalense. Minha Mãe fizera promessa para dar-me o nome de Luís de França, mas meu Pai vetou o De França, por causa de um soldado desse nome, muito cachaceiro e rixento, no Quartel, então na Silva Jardim, esquina de Frei Miguelinho, diante de três imensas árvores de sombra.

Meu padrinho sabia latim e respondeu às perguntas do sacerdote: — Quid petis ad Ecclesia Dei? Fidem!

E a Igreja concedeu-me a súplica. O Padre João Maria disse meu nome certo em latim: — Ludovicus.”

(E aqui temos, hoje, o sr. Ludovicus, que ostenta 74 anos de idade bem vivida).

Obstetra? Não havia à época, mesmo para a mulher do Tenente Francisco, do Batalhão de Segurança, vosso pai.

Deu ele dez mil réis à **aparadora** Bernardina Nery. Ao ouvir vosso choro, o Tenente perguntou aflito:

— Homem ou mulher?

Bernardina respondeu metaforicamente:

— Ele veste calças.

Resposta, convenhamos, que atualmente já não distinguiria tanto o homem, da mulher, nos hábitos crescentemente “unisex” de vestir...

Viestes ao mundo na rua das Virgens. Estranha indicação profética, dado que corre em tradição que sempre fostes um temível perseguidor delas... Também, pudera, que se poderia esperar de um menino cujo primeiro banho foi tomado numa bacia de ágata, a água morna temperada com vinho do Porto e ornada com um patacão de prata, do Império?

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

A difteria ou o garrotilho mandou para a corte celestial, como anjinhos, três irmãos do nosso homenageado.

Não querendo entregar o menino Luís aos reclamos do céu, que eram ajudados pela epidemia potiguar, seus pais cobriram-no de um manto Tecido de asfixiantes cuidados, tentando roubar da morte o rebento que se diz ter sido “magro, triste, amarelo e distraído como certas consciências”, no pitoresco dizer da bibliotecária Zila Mamede, que assim nos revela essa infância tão isolada, que levaria Cascudo a queixar-se nas memórias: “Não tive amigo de infância”.

“Todas as coisas apetecíveis e sedutoras faziam-lhe mal. Evitar sol, o sereno, areia sêca ou molhada, vento da tarde, cabeça descoberta, luz da lua, pé no chão, fruta quente, banho frio, pisar na grama; brincar de correr, de pular janela, cavalo de carrossel, comida de lata, brincar com menino, bôlo de tabuleiro, água de maré, pingo de chuva; pegar em rabo de lagartixa, encangar grilo, catucar pinto, puxar rabo de gato e outras tentações — eis o código proibitivo que lhe era imposto.

Restou-lhe o direito de ver livro de figuras, colecionar estampas de santos e ouvir estórias de Trancoso, enquanto menino e rapaz, da ama Benvenuta de Araújo e, homem feito, da inimitável Luísa Freire, sua Shezade analfabeta”.

Num país de milhões de analfabetos, aos seis anos de idade já sabia ler. Aprendera folheando o Tico-Tico. O Português, porém, não lhe bastaria. Veio primeiramente o Latim, absorvido ao longo dos domingos, durante três anos. Mestre João Tibúrcio “filava” os almoços na chácara de Francisco Cascudo, que já trocara a

farda pela recomendável profissão de comerciante. Do Latim, passou ao Grego.

Mais tarde, viria o aprendizado de Inglês, como auto-didata, com o fim de acompanhar as peripécias dos viajantes que adentraram a África e a Ásia.

Estava preparado o instrumental. Restava, agora, usá-lo. Fê-lo com insuperável constância. As línguas clássicas levaram-no à solidez da formação da cultura greco-romana.

A língua viva abriu-lhe as portas do mundo contemporâneo.

Ele confessa que leu vorazmente: revistas, álbuns de gravuras, descrições de viagens, estórias infantis, tudo intervalado pela força mágica das vozes das amas, sussurrando-lhe aos ouvidos-esponjas todas as lendas, todos os mitos, enfim toda a dimensão humana, em sua plenitude, do folclore.

Preparava-se, assim, o inexcedível antropólogo de hoje, que terá se esquecido, bem cedo, de seu anel de rubi e de seu diploma de bacharel em Ciências Jurídicas, para dedicar-se com devotamento de santo e furor de Satanás às ciências sociais.

Em 1918 veio a lume o primeiro artigo, no jornal de seu pai. O primeiro livro — “**Alma Patrícia**” — surgiu três anos depois. Ele mesmo o definiu como “estudinhos de crítica, sem examinar a gramática dos poetas”.

Não seria, senão, uma sondagem, para não dizer um equívoco em referência à sua vocação real: a História, compartimento predileto dentre todos — e não são poucos — de sua grande mansão de atividades literárias.

O microfilme permitiu-lhe a aquisição de obras raras, que o seu faro de bibliófilo indicava à sua perseguição. Perseguia, localizava, adquiria e corria para Natal, onde se punha a trabalhar com o zelo imenso e a pachorra santa do artezão das letras.

Cinco livros do povo é entre outros o resultado desse trabalho na província amada. São cinco novelas de origem erudita, que se tornaram populares. A mais nova surgiu ao tempo de Luís XV, e a mais velha é pré-cabralina.

Geografia dos mitos brasileiros, Anubis e outros ensaios, Meleagro (depoimento e pesquisa sobre magia branca, no Brasil) e **Literatura Oral** são livros de excepcional valor de indagação de campo, que ele produziu, trabalhando sem descanso, entre 1947 e 1952.

Geografia do Brasil holandês, em que documenta de maneira definitiva as duas colonizações — a portuguesa e a holandesa — saiu da leitura, da interpretação, do confronto de dados de pesquisa centrados no “cronicão” de Barléu, de 1647, que Câmara Cascudo achou, deslumbrado, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Senhor Câmara Cascudo!

Afirma-se que a vossa obstinação na pesquisa séria advém, em última análise, de caráter serenamente teimoso de vosso pai, que não aceitava os fatos por ouvir dizer. Não devem ter sido poucos, todavia, vossos obstáculos e até dissabores. Conta-se, entre eles, o que vos derivou de uma pesquisa em Natal. Enviastes questionários e cartas a amigos e pessoas de relevo intelectual da comunidade, perguntando-lhes, entre outras coisas, pela existência do Lobishomem. A pergunta chocou, em especial, a um diretor de grupo escolar, iniciado em pedagogia e possível leitor da “Didática Magna”, de Comenius. Viu ele, na sua pesquisa, um mal disfarçado desejo de levá-lo ao ridículo, ou a deliberada intenção de nivelá-lo, a ele que exercia com zelo as suas atribuições jurisdicionais da educação primária, com a rude

e primitiva população local, que acreditava nos seres fantásticos e irreais como o Lobishomem. Resultado: a pesquisa voltou sem resposta, mas capeada por uma carta cuja leitura não vos teria sido muito grata. Mais ainda, uma figura expressiva da magistratura não deixou por menos: enviou o seu protesto ao Governador Juvenal Lamartine. Argumento: não lhe parecia lícito, nem decente, que o diretor — que éreis, então — do Ateneu Norte-Riograndense (o magistrado chamou-lhe orgulhosamente de “centenário ginásio estadual”) andasse a comprometer a seriedade da sua função de educador na indigna tarefa de reunir notas sobre a **Burriinha do Padre** e o **Caipora**, credices só compatíveis com o “povo baixo”.

Felizmente, Juvenal Lamartine não se deixou afetar pela denúncia e, graças a isso, as letras brasileiras puderam enriquecer-se com a publicação, pelo Instituto Nacional do Livro, em 1972, da 3.^a edição do “Dicionário do Folclore brasileiro”.

Minhas Senhoras e meus Senhores!

Talvez aí também se encontre a raiz da lealdade de Câmara Cascudo à sua terra e ao seu povo. Desde o aparecimento do primeiro artigo até hoje, já escreveu, para revistas e jornais, mais de 2500 artigos, e foi editado 114 vezes, a saber: 8 livros sobre literatura; 27 sobre história e geografia; 13 biografias; 2 descrições de viagens; 59 títulos sobre etnografia e folclore; 1 sobre genealogia e 4 deliciosos livros autobiográficos e de memórias.

Essa obra notável, que lhe conferiu a preferência dos julgadores do **Prêmio Boilesen**, está marcadamente impregnada do Rio Grande do Norte, a respeito de sua literatura, de seus governos, da sua colonização, do seu

brasão holandês, da história de sua cidade de Natal e, para não sucumbir à rivalidade conhecida, também a história de Mossoró. . . As paróquias, o seu velho Ateneu, de que foi aluno e posteriormente Diretor, a história do Palácio da Esperança, a das ruas e praças de Natal, a história, a geografia e a toponímia do Rio Grande do Norte, e até uma completa história da Carnaúba, tudo está a demonstrar de maneira incontestável a fidelidade do homem célebre às suas origens telúricas, ao povo — “o povo baixo”, do magistrado denunciador — gente que ele ama com perdida candidez, gente de que não se quis apartar, a despeito das mais tentadoras ofertas para migrar para os centros nervosos e de maior expressão cultural do Brasil. Faz questão, jocosamente, de chamar-se a si próprio de “jagunço”. E encontra, no título de “provinciano”, razões de orgulho e vaidade sã. Nem é para menos, dado que transferiu o centro da cultura folclórica brasileira para a sua província e é a ela que se dirigem livreiros e editores, estes impulsionados por aqueles.

Eu próprio, tenho a esse propósito minha estória a contar. Fiz, também, minha viagem de vassalo à terra do Grão-Senhor Câmara Cascudo, que me deu a honra de assistir à tarde de autógrafos de meu modesto romance, cujo personagem principal é riograndense do norte. Na ocasião, pleiteei o privilégio de editar, pelo Instituto Nacional do Livro, em coedição, a sua obra intitulada “Civilização e Cultura”. Ocorre que os originais dos dois volumes tinham sido entregues a uma editora pernambucana, no Recife, e como ainda em 1964 não tivessem sido publicados, o Reitor Zeferino Vaz, à época dirigindo a Universidade de Brasília, reivindicou o direito de editá-los. Só então se soube que os originais se haviam extraviado. O pior é que Câmara Cascudo não guarda cópia de nenhum de seus trabalhos que são datilografados por ele mesmo em uma só via.

A obra corria o risco de perder-se devido à desídia de uma editora. Coincidiu, felizmente, minha viagem ao Rio Grande do Norte com a devolução, já em 1971, dos originais, reencontrados, embora com as páginas muito estragadas, razão por que, apesar do interesse de Maria Alice Barroso e da editora José Olympio, somente agora se espera a sua entrega ao público.

Senhor Câmara Cascudo!

Cuido de meu dever dizer-vos duas palavras sobre a origem do prêmio que hoje recebeis. Ignoro se conhecestes Henning Boilesen. Eu o conheci, na plenitude de sua vida de vitorioso que abrira, com suas próprias mãos, o duro caminho dos "self made men". Não nascera no Brasil, mas asseguro-vos que poucos homens seriam mais admiradores deste País, de suas tradições e de seu povo; e raros seríamos os que, nascidos brasileiros, ao Brasil devotássemos tão ardente amor como o de Boilesen por esta terra. Assassinado estupidamente, pelo ódio ideológico que armou o braço homicida, Boilesen está perpetuado num prêmio que tem a maior adequação ao que de melhor ele fez na vida, ou seja o trabalho em prol do desenvolvimento e da cultura brasileira. Estou certo de que Mestre Câmara Cascudo se engrandece com o envolver, no prêmio Boilesen, a vida construtiva de seu patrono, com a obra admirável do jornalista, do escritor, do professor universitário emérito, do nome maior do nosso folclore.

Minha Senhoras e meus Senhores:

Tempo é de concluir, mas eu não o faria antes de salientar a alegria que me é, caboclo da Amazônia,

saudar o grande sertanejo brasileiro Câmara Cascudo. Há um ano ele me enviava o recorte de um jornal carioca, que lhe publicara um artigo excelente, em que exaltava o heroísmo do sertanejo emigrado para a Amazônia, “cantando no Xingu e no Madeira como cantara no Crato e no Seridó. Não conhece tédio, morrinha, banzo. Não se suicida como os europeus coloniais. Persegna-se ao dormir. Dorme com luz. porque o Anjo da Guarda se afasta com as trevas. Tem o faro da orientação instintiva. Alivia todos os recalques num sonoro pontapé a tronco de árvore, com o berro despejador das mágoas comprimidas: Arre! Com todos os Diabos! Vai pras Profundas, Excomungado! O menor êxito, rejuvenesce-o”.

E assim conclui, Câmara Cascudo, o gizamento do caráter do sertanejo: “Possui em potencial a juventude da Esperança!”

É precisamente essa juventude da Esperança que hoje, nesta noite consagrada, queremos todos saudar na pessoa do velho mestre Luís da Câmara Cascudo.

